

A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA NUMA PERSPECTIVA HUMANÍSTICA

LITERARY EXPERIENCE FROM A HUMANISTIC PERSPECTIVE

SANDRA HELENA DE OLIVEIRA¹

ELIENE DA SILVA DIAS²

DIOGENES BUENOS AIRES DE CARVALHO³

RESUMO: O presente artigo buscou refletir sobre a literatura e seu caráter humanizador no contexto da sociedade, fazendo uma abordagem usando o pensamento do crítico Antonio Candido acerca da relação entre literatura e sociedade, considerando que o homem vive mergulhado nos conflitos da vida cotidiana. O aporte teórico se centrou nas contribuições de Antonio Candido dentre outros teóricos que compartilham desse pensamento. Por fim, nessa perspectiva, verificou-se o papel social e o caráter emancipatório e reflexivo da literatura, contribuindo de maneira eficaz como objeto de humanização do homem que entra em contato com essa estética literária.

PALAVRAS CHAVE: literatura, sociedade, humanização, Antonio Candido.

ABSTRACT: This present paper aims reflect upon literature and its humanizing character in the context of society, making an approach using critic Antonio Candido's thought the relation between literature and society, considering that man lives immersed in everyday life's conflicts. The theoretical input focused on Antonio Candido's contributions, among other theorists who share that thought. Lastly, under that perspective, we verified the social role and the reflective and emancipatory character of literature, contributing in an effective way as an object of humanization of the man who gets in touch with that literary aesthetic.

KEYWORDS: literature, society, humanization, Antonio Candido.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFPI/ Professora do IFPI.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela UESPI, atualmente é professora da Educação Básica do Estado do Piauí- Seduc.

3 Professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

1. Introdução

A literatura integra contextos diversificados no desenvolvimento do ser humano, atuando como uma reflexão que ajuda na aprendizagem de entender o mundo. É nesse espaço que os sujeitos processam suas ações, mediante o contexto em que são expostos. A literatura, além de tratar de temas recorrentes na sociedade, ocupa-se também da humanização do indivíduo.

As discussões acerca da relação entre a literatura e a sociedade despertam um grande interesse no meio acadêmico e têm incrementado estudos sobre o caráter de humanização da literatura, sobretudo com os estudos de Antonio Candido. Com a finalidade de contribuir com as pesquisas relacionadas a essa temática, este trabalho tem por objetivo demonstrar o papel social da literatura, fundamentada na visão do crítico Antonio Candido no que se refere às discussões voltadas para a relação entre a literatura e a sociedade, bem como fazer uma abordagem usando o pensamento do autor e crítico, refletindo sobre a literatura e seu caráter humanizador no contexto da sociedade.

Na sequência, inicia-se a abordagem acerca de literatura e sociedade na visão do crítico literário e sociólogo, discorrendo sobre a literatura e seu caráter humanizador, embasado no pensamento do crítico, e por fim, compõe as considerações finais.

Candido aponta a literatura como indissociável das características sociais, mas elas se complementam, visto que a obra se comunica com o meio externo e, para o autor, o social importa na estruturação dos elementos internos do romance, possibilitando retirar aspectos essenciais para a constituição da narrativa.

Com base nessa concepção do estudioso, concebe-se que a arte consegue ser o reflexo da sociedade, relacionando-se com os aspectos sociais e, em alguns casos, funcionando como contraponto na resolução de problemas sociais. Como se constitui de concepções ideológicas que interferem no modo de ver o mundo, a literatura faz com que o sujeito imbuído dessa criticidade se posicione como cidadão atuante na sociedade.

Nesse sentido, é pertinente dizer que a literatura possibilita uma ampliação da visão crítica de mundo. É importante que o leitor vivencie integralmente o seu fazer social, seja através da articulação com a cultura ou por meio da promoção do equilíbrio humanístico, que muitas vezes, é proporcionado pela literatura.

Segundo Costa Lima, “o prazer estético implica numa atividade de conhecimento, embora distinta do conhecimento conceitual. O sujeito do prazer conhece-se no outro, traz a alteridade do outro para dentro de si, ao mesmo tempo que se projeta nesta alteridade” (LIMA, 2002. p. 47). Isso faz com que a experiência estética promova uma proximidade com o outro, além do indivíduo reconhecer nele suas experiências.

No que se refere ao estudioso Antonio Candido, sabe-se que foi um crítico de literatura que inovou o modo de análise dos fenômenos culturais unindo literatura e sociedade, mostrando que, para a compreensão de uma obra literária, importam as circunstâncias históricas de sua produção, muito embora isso não signifique supremacia da sociedade ou dos fenômenos sociais sobre a literatura. Para o crítico, há uma troca simultânea entre esses dois campos, o que ajuda a compreender os processos da vida coletiva através da subjetividade figurada no individualismo do autor literário, mergulhado em um contexto histórico.

Essa perspectiva abre discussões no âmbito da relação entre a literatura e a sociedade, refletindo em relação à atribuição da literatura na humanização do indivíduo, bem como do seu papel social. Ao abordar de forma geral os pressupostos sobre a correspondência entre literatura e sociedade, percebe-se a importância da leitura do texto literário no viés de Antonio Candido, chegando à conclusão que a literatura possui papel humanizador para o ser humano, eixo central deste estudo, contribuindo conseqüentemente para a formação do leitor crítico e reflexivo que consiste no valor maior da fruição do texto literário.

Nesse escopo, Candido contribuiu com seus estudos referentes à intersecção entre esses dois campos: literário e sociológico, nos quais analisa e interpreta de forma mais geral a organização social brasileira estilizada dentro de uma estrutura literária, observando a função assumida pela literatura no contexto social.

2. A literatura e a sociedade na visão de Antonio Candido

Antonio Candido não pretendia propor uma teoria sociológica da arte e da literatura, mas focou aspectos sociais da vida artística e literária. Para ele, a totalidade do fenômeno artístico não poderia ser explicada apenas baseando-se na sociologia, uma vez que a criação artística vai além de um simples foco refletor,

dado que o artista possui seu próprio espelho, o que faz tudo se transformar através de sua criação estética.

A respeito disso, o crítico indaga: “Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? (CANDIDO, 2006 p. 28). Ocupando-se do fenômeno literário e artístico, investiga mais adiante: “Qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (ibid., loc. cit.) Em relação ao primeiro questionamento, apresenta duas respostas, a primeira corresponde a um estudo sobre a arte como expressão da sociedade e a segunda seria os interesses nos problemas sociais.

Segundo Candido, a obra de arte é social por ser da sua natureza, independente do grau de consciência dos artistas ou de seus receptores. O artista age sob o impulso de sua necessidade interior e manifesta seu conteúdo de forma muito particular, o que o crítico chama de “forma e conteúdo”. Trata-se, portanto, de uma relação da obra com o social já que

a obra exige necessariamente a presença do artista criador. O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo (CANDIDO, 2006, p. 35).

Há que se ressaltar que as experiências do artista são indispensáveis na construção do fazer artístico, pois o autor transporta convicções específicas do seu tempo, sem preocupar-se em caracterizar fidedignamente seus aspectos íntimos. Assim sendo, na medida em que o autor busca traços sociais para transpor em sua obra, acaba por apresentar particularidades de um tempo, mesmo que de maneira inconsciente, o que se compreende por representação ou imitação do originário ou do real.

Na visão de Antonio Candido a literatura é como um fenômeno da civilização: depende do entrelaçamento de vários fatores sociais para se constituir e caracterizar. E, de certo modo, uma narrativa vem carregada de fatores das experiências infantis dos escritores, associados às características sociais.

O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade,

mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese (CANDIDO, 2006, p. 21).

Sob essa perspectiva, Candido define que uma obra literária estabelece mecanismos que estão associados à realidade, levando o ser humano a perceber que a imitação o ajuda na condução de suas atitudes, pois a narrativa é a representação da vida social divulgada através do discurso narrativo.

Destaca-se que a representação da realidade ocorre através de signos linguísticos e que, por meio da linguagem verbal, o ser humano manifesta seus sentimentos e ideias com a finalidade de construir o seu objeto estético. Nesse sentido,

não é possível aprofundar agora a análise complementar da ação da obra sobre a sociedade, delimitando setores de gosto e correntes de opinião, formando grupos, veiculando padrões estéticos e morais, o que deixaria mais patente este sistema de relações. Mas, penso ter ficado claro que o estudo sociológico da arte, aflorado aqui sobretudo através da literatura, se não explica a essência do fenômeno artístico, ajuda a compreender a formação e o destino das obras; e, neste sentido, a própria criação (CANDIDO, 2006, p. 48-49).

A estrutura da obra de arte influencia na vida em sociedade e a obra também é sugestionada por aspectos sociais, visto que características sociais são transportadas para a narrativa, o que faz com que o leitor se reconheça como um sujeito atuante dentro da sociedade. Nesse percurso, a arte é valorizada no decorrer dos estudos sociológicos para a formação do indivíduo em sociedade. Sendo assim, a literatura passa a ser percebida como eficaz no processo humanizador do homem.

Candido (2006) enfatiza que a arte é social e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e sua concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. A literatura como fator de humanização oferece uma possibilidade de equilíbrio entre o homem e a sociedade. Acerca do sistema de humanização, Candido diz que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção [...]” (2004, p. 177).

O processo de formação humana está relacionado com a literatura e oportuniza ao sujeito um aprofundamento do juízo de valor que o permite interpretar acontecimentos dispostos em uma narrativa, possibilitando também apreender experiências com base em fatos literários muitas vezes retirados da realidade, levando então a indagar ainda mais sobre o aspecto de humanização da literatura.

O autor explica a extensão de encará-la como um mecanismo que ajuda o sujeito a despertar o caráter crítico, bem como o desenvolvimento de sentimentos e emoções apresentados no prazer da leitura. Além disso, a experiência literária

mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar (CANDIDO, 1972, p. 4).

Considerando esse ponto de vista, a literatura é a arte de humanizar e tem o poder de provocar reações diversas em quem entra em contato com ela. Assim sendo, é preciso ponderar o que o leitor absorve para ajudar na construção da personalidade, visto que o processo de leitura atua geralmente de maneira silenciosa e inconsciente.

Pode-se dizer então que, “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós” (CANDIDO, 2004, p. 25). Do trecho, depreende-se que os aspectos sociais apresentados em uma narrativa se situam na fronteira que divide características reais e fictícias.

Para Candido (2004), a construção de obras literárias não está relacionada somente ao íntimo do autor, mas ao contexto social no qual está inserido. Candido separa a relação do real com o ficcional, pois, mesmo havendo uma relação entre ambas, estão associadas ao devir. Dessa forma, Deleuze (2004) enfatiza que o devir “não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação [...]”, fazer uma associação do contexto social com a narrativa.

A partir da modernidade, a função da literatura foi se transformando, e, nesse contexto, o crítico Antonio Candido a insere com papel de destaque, interpre-

tando-a com uma função social e percebe a necessidade de contextualizá-la com a vida:

Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua como toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como nos manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, enfrentando ainda assim os mais curiosos paradoxos – pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente o que as convenções desejariam banir. (CANDIDO, 1972, p. 83-84).

Do exposto, se observa que, além de instruir conforme os anseios da classe que estabelece a ordem, a literatura também assume um subversivo papel de incômodo, indo contra a ordem estabelecida e servindo para alinhar o bom moço e abrindo os olhos daqueles que veem além das entrelinhas, ou seja, ela possui dois lados. A obra literária está relacionada com a sociedade, tendo em vista que o escritor provoca uma inclinação para o valor social, na qual o leitor recebe essa influência, a exprime e a opera na sua própria formação.

3. A literatura e seu caráter humanizador

A literatura possui múltiplas funções, em especial, a de contribuir para a aquisição de um repertório cultural capaz de fazer o sujeito pertencer a um espaço social específico, além de contribuir para sua humanização, o que faz a presença da literatura ser elementar na vida do homem. No que tange ao estudo da literatura em uma proposta sociológica, Candido (2004) confirmou esse aspecto da literatura, afirmando que o exercício da reflexão e aquisição do saber ajudam no afinamento das emoções e na capacidade de adentrar nos problemas da vida e da complexidade do mundo. A leitura do texto literário ultrapassa o simples gozo do prazer estético, indo muito além. Sobre isso, Compagnon ressalta que:

Segundo o modelo humanista, há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária (talvez não apenas por ela, mas principalmente por ela), um conhecimento que só (ou quase só) a experiência literária nos

proporciona. Seríamos capazes de paixão se nunca tivéssemos lido uma história de amor, [...] (COMPAGNON, 2001, p. 36).

O trecho deixa claro que a literatura se faz presente no cotidiano do ser humano, de maneira a se tornar essencial no sentido de humanizar o homem, pois este em contato com o texto literário torna-se capaz de refletir sobre si e sobre o outro, e também compreender a complexidade do mundo. O ser humano se utiliza da literatura de modo a se relacionar com o outro, sendo possível até mesmo se reconhecer dentro da história lida, fazendo assim sentido para ele.

Nesse percurso dialético entre o homem e a literatura, a subjetividade se desenvolve na leitura, em que o homem “atravessando o outro, [...] atinge o universal [...]” (ibid., p. 36). De acordo com o teórico, o homem já possui em si a condição humana que às vezes precisa ser despertada pela experiência literária, tornando o leitor um homem livre.

Ainda segundo Compagnon, esse modelo humanista do conhecimento literário trazia as concepções de mundo de grupos particulares, sendo usada também como uma moral social, ainda que provisoriamente, pois “a partir da metade do século XIX e da voga do artista maldito” (COMPAGNON, 2004, p.36), a literatura confirma um consenso mas agora passa a assumir outro papel, o de também discordar da sociedade, apresentando aí sua função subversiva.

Na concepção de Candido, a literatura ajuda a formar o homem de forma diferenciada, na qual o imaginário faz parte e a instrução se dá na aproximação com a própria vida e com os impasses que nela se incluem. Isso se confirma nas palavras que seguem:

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 1972, p. 805).

De acordo com o excerto acima, através da ficção, o homem é instruído não para aceitar o mundo como se apresenta, mas a perceber suas falhas, suas ne-

cessidades, que são contadas através da mistura de ficção e realidade, o que vai fazer com que o sujeito passe a observar melhor sua própria realidade, tirando-o da posição de comodismo e levando-o ao questionamento.

A experiência da leitura promove a alteração do conhecimento desse sujeito levando em conta também suas próprias experiências, sejam culturais ou literárias. Nesse sentido, para pensar a ficção como parte integrante da realidade na qual se vive, é pertinente dizer que “o mundo da ficção e o mundo real se coordenam reciprocamente: o mundo se mostra como horizonte da ficção, a ficção, como horizonte do mundo” (LIMA, 2002, p. 155). Contudo, vale ressaltar que é preciso que o indivíduo mergulhe no universo do texto e correlacione-o com suas experiências reais, de forma a estabelecer relação de sentido entre ambos.

Por conseguinte, o texto literário é visto como um objeto capaz de aproximar o indivíduo do mundo letrado por meio de uma linguagem plurissignificativa, que aguça seu imaginário, resignificando-o com sua própria realidade. Portanto toda obra literária, com base na experiência estética estabelecida com o receptor, é capaz de apreender aprendizado. Segundo Costa Lima:

O prazer estético implica uma atividade de conhecimento, embora distinta do conhecimento conceitual. O sujeito do prazer conhece-se no outro, traz a alteridade do outro para dentro de si, ao mesmo tempo que se projeta nesta alteridade (COSTA LIMA, 2002, p. 47).

Neste sentido, pode-se inferir que a experiência estética implica numa aproximação íntima com o outro e no reconhecimento das próprias experiências do leitor vislumbradas e projetadas nele, no diálogo que pode ser o texto como um todo, uma personagem em especial, uma situação e assim por diante.

A globalização e o avanço das novas tecnologias de comunicação na pós-modernidade influenciaram e modificaram a conduta de vida dos sujeitos, colocando-os diante de outra cultura, exigindo uma adaptação nos modos de ver, de ler, de pensar e perceber o mundo, modificando inclusive o modo de trabalhar e estudar, interferindo tanto no âmbito cultural quanto subjetivo.

Essa ruptura com padrões tradicionais, leva à fragmentação do indivíduo pós-moderno constituindo uma crise existencial, pois nesse contexto tudo se tornou temporário e efêmero. Numa época em que, como bem enfatiza Candido (2004), se chegou “a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre

a natureza”, a resolução de grande parte dos problemas materiais do homem pareceu aparente; contudo, a irracionalidade do comportamento do homem também é máxima.

Discorrendo sobre os direitos humanos e das necessidades do homem, Antonio Candido afirma que além de ter direito à sobrevivência física de forma igualitária, o ser humano também deve ter os direitos que garantem sua integridade espiritual, o que inclui direito à fruição da arte, mais especificamente, à literatura, pois ela consiste em “o sonho acordado das civilizações” (CANDIDO, 2004, p. 175). Nas palavras do crítico, não há “equilíbrio social sem a literatura” (ibid., p. 175), sendo indispensável para a humanização do homem, atuando em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Para o teórico “a função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza” (CANDIDO, 2004, p. 176), que por sua vez se manifesta através de três faces: a literatura como construção de objetos autônomos com estruturas e significados, como forma de expressão, manifestando as emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos e, por último, como forma de conhecimento. A mensagem depende da organização do código, que assegura o efeito no indivíduo.

O impacto do texto é devido à forma como este foi organizado por quem o produziu, ou seja, seu conteúdo só atua conforme a sua composição, fazendo a forma, por outro lado, trazer em si uma capacidade de humanizar. A humanização segundo o entendimento de Candido consiste no

processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p. 180).

A humanização é a capacidade que o ser humano tem de ser pensante no seu sentido mais sublime, que envolve a compreensão e a alteridade, de modo a posicionar-se ante as injustiças e desigualdades sociais, de compadecer-se com o sofrimento do outro, de forma a tomar posicionamento na luta pelos direitos humanos. Dentro da literatura, isso se torna capaz quando na organização literária houver uma estética eficaz capaz de cumprir com esse papel. No entanto,

vale ressaltar que esta estética eficaz não está presente em grandes clássicos, mas também na literatura de qualidade modesta.

Nas palavras de Candido (2004), a literatura possibilitou ao pobre valor e dignidade, permitindo-o ser retratado no tempo do Romantismo como temário de destaque. Com isso, favoreceu o vislumbre dos direitos humanos dentro da literatura, desenvolvendo mais o lado social, assim como foi colocado no Naturalismo, apresentando como personagens centrais: o camponês, os artesãos, o desvalido, entre outros, exaltando e fazendo conhecer dessa forma o povo oprimido.

Segundo o crítico, a literatura está “empenhada numa tarefa ligada aos direitos humanos” (CANDIDO, 2004, p. 185) e acrescenta dizendo que, no Brasil, isso ficou claro no Naturalismo, mas que ganhou força realmente no decênio de 1930, momento em que os “escritores deram grande intensidade ao tratamento literário do pobre” (ibid., p. 185).

Com isso, o crítico torna perceptível o poder da literatura no que diz respeito ao seu caráter emancipatório, assim como reflexivo. Nessa ótica, a literatura constitui peça importante que deve estar presente na vida do ser humano como bem incompressível no intuito de buscar o equilíbrio humano, levando-o além das restrições da vida humana, ampliando sua visão de mundo, sensibilizando-o e fazendo-o questionar certas condições desumanas nas quais está inserida parte da humanidade.

4. Considerações finais

Nas reflexões apresentadas ao longo deste artigo baseadas nos pressupostos teóricos do crítico Antonio Candido, verificou-se que a literatura enquanto objeto de reflexão, estimula o pensamento crítico e reflexivo, na medida em que se mostra uma das artes de fundamental relevância para a formação não somente de leitores, mas de sujeitos conscientes de seu papel no mundo, o que caracteriza sua função social.

A literatura, com seu caráter circular, assegura uma consciência humana de forma ampla, tendo em vista também a intersecção entre a literatura e as outras artes, o que origina uma abertura, modificando as formas do saber humano e do conhecimento, desde que a leitura literária seja vinculada à realidade e às

expectativas do sujeito que entra em contato com essa estética. Além do mais, a literatura tem potencial sensibilizador e influenciador para leitor e influencia no interior da sociedade a partir da fruição.

Ressalte-se, no entanto que, devido a esse caráter “subversivo”, a literatura representa uma ameaça à ordem estabelecida, por se tratar de uma estrutura organizada que expressa sentimentos e apresenta uma visão de mundo que leva o indivíduo a ver a sociedade de forma diferente, passando a questionar certas situações da realidade na qual está inserido. A linguagem usada no texto literário articula diferentes discursos que possibilitam ao ser humano refletir sobre seu modo de ver e de estar no mundo, indo além da mera ficcionalidade.

A leitura literária pensada sob uma perspectiva dialógica entre obra e receptor, a partir de uma recepção crítica, coloca a literatura com uma função transformadora de opiniões. Por conseguinte, o fato literário deixa de ser compreendido como algo fechado numa estética da produção e da representação, dando à literatura uma dimensão presente tanto no seu “caráter estético quanto de sua função social: a dimensão de sua recepção e de seu efeito” (JAUSS, 1994, p. 23).

Pensando por essa ótica, é pertinente afirmar que o fato literário não existe por si só, mas na realização da leitura e que a época permite ao texto se renovar pela participação dos leitores que o recebem. Esta leitura cumpre uma função que vai além do agradar, mas também de instruir. Portanto, declarar que a literatura não possui nenhuma implicação no leitor é desprezar sua importância social.

As leituras e abordagens realizadas sobre o caráter emancipatório e humanizador da literatura e seu papel social, permitem vê-la como um direito inalienável, como bem salienta Antonio Candido, visto que ela funciona como bálsamo reestruturador da alma humana e como fonte de equilíbrio do homem, assim como da sociedade, constitui-se dessa forma em uma necessidade universal.

Neste sentido, conclui-se que o homem deve buscar essa experiência e vivenciá-la em plenitude, o que lhe propiciará o conhecimento de si e do outro capacitando-o para o exercício de suas potencialidades unindo conhecimento e humanização, o que significa tornar-se sensível ao outro.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 11-16.
- JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Luiz Costa Lima (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, Luiz Costa. *O leitor demanda d(a) literatura*. In: Lima, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 37- 66.